

ÁSIA

DE

JOÃO DE BARROS

*Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento
e conquista dos mares e terras do Oriente*

SEGUNDA DÉCADA



Agência Geral das Colónias

The Carvalho de Sousa
Private Collections – Lisbon



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

ÁSIA DE JOÃO DE BARROS

*Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento
e conquista dos mares e terras do Oriente*

SEGUNDA DÉCADA

Sexta edição, actualizada na ortografia e anotada
por

HERNANI CIDADE

Notas históricas finais

por

MANUEL MÚRIAS

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

LISBOA  MCMXLV

havia de tomar na cidade de Surrate, de que era senhor Melique-Gupi, nosso amigo. E a pessoa segunda desta ida era James Teixeira, que havia de suceder, vindo caso pera isso, e Francisco Pais era escrivão da embaixada, e um Duarte Vaz, língua, com outros homens, todos gente limpa e bem tratados, como quem ia ao mais poderoso príncipe mouro daquelas partes da Índia.

O qual, pôsto que fêz muita honra a Diogo Fernandes, não lhe concedeu a fortaleza em Dio, dizendo que, se Melique-Gupi escrevera a Afonso de Albuquerque que êle a dava, tal não era, casa de feitoria si; e a fortaleza em Surrate, que o mesmo Melique-Gupi tinha, ou em cada um destoutros dous lugares — Maim e Bombaim. E porque, ao tempo que Diogo Fernandes andava na Côrte del-Rei de Cambaia, achou Melique-Gupi fora da sua graça, e Melique-Iaz, à fôrça de peitas e com muitas razões, ante el-Rei empedia isto, segundo o mesmo Melique-Gupi disse a êle, Diogo Fernandes, quando com êle se lá viu, não pôde haver outro despacho, e com êste veio pera a Índia.

E em retôrno de muitas peças ricas, que êle, Diogo Fernandes, levou a el-Rei, além de outras que mandou a Afonso de Albuquerque, foi ãa alimária, a maior que a Natureza criou depois do elefante, grande sua imiga, e fere-o com um corno que tem direito sôbre o nariz, de comprimento de dous palmos, grosso na raiz e agudo na ponta, à qual os naturais da terra de Cambaia, donde aquela veio, chamam *ganda*, e os gregos e latinos *rinoceronte*; e Afonso de Albuquerque a mandou a el-Rei D. Manuel, e veio a êste reino, e perdeu-se em ãa nau caminho de Roma, mandando-a el-Rei de presente ao Papa.

E quando Diogo Fernandes se embarcou em Surrate, foi Melique-Iaz tam astucioso, que mandou Cide-Alé com quatro atalaias, que são barcos de remo, e que fôsse trás êle manquejando, como que o não podia alcançar até Goa, e entregasse a Afonso de Albuquerque um grande presente que lhe mandava, dizendo êle, Cid-Alé, que Melique-Iaz lhe mandara que fôsse dar estas cousas a Diogo Fernandes pera lhas trazer; e, chegando a Surrate, achara ser já partido; e não ousando tornar a Melique-Iaz com tal recado, tomara licença de vir té onde achasse Diogo Fernandes, e que lhe não pesava dêste desastre, por ser azo de ir ver Sua Senhoria. E êste artefício de Melique-Iaz era a dous fins: a ver Cide-Alé per si que armada fazia Afonso de Albuquerque; e o outro — querer saber como êle tomava a nova, que lhe Diogo Fernandes levava, de lhe não ser concedida a fortaleza em Dio; ao qual êle logo espediu, porque entendeu vir por espia, e não a mais, dando-lhe retôrno do presente.

Também neste tempo mandou ao Hidalcão João Gonçalves de Castelo Branco com dez encavaladuras e oitenta peões da terra; e a causa de sua ida era sôbre as terras firmes de Goa, que lhe Afonso de Albuquerque pedia a trôco de outro requerimento da entrada dos cavalos da Pérsia, que êle, Hidalcão, queria, temendo que el-Rei de Bisnagá, com que êle tinha guerra, houvesse esta entrada per Batalalá, que era sem pôrto, sôbre o qual negócio cometera já grandes partidos a êle, Afonso de Albuquerque, e êle